

Uma análise fregeana de expressões para eventos e resultados dos eventos

Ana Clara Polakof

PUC-Rio/Bolsista CNPq de doutorado – Brasil
anaclarapo@gmail.com

Abstract

This paper makes a Fregean analysis of certain expressions which, according to the way they are constructed, can refer, firstly, to events (*A tradução da Bíblia por João* demorou dois anos) and, secondly, to the results of these events (*A tradução da Bíblia de João* está sob a mesa). This paper intends to show that – if we take into account the above mentioned expressions and use Fregean notions such as meaning, reference, function, argument and concept – it is possible to consider events as objects. To do this we need to articulate developments made both from a linguistic perspective and a philosophical one. In this particular case, we take into account Fregean semantics; we try to analyze philosophically the linguistic phenomena called nominalization and arrive to interesting conclusions about the semantic behavior of the expressions that contain event and result nominalizations and ontological status of their respective referents.

Introdução

Frege é um filósofo complexo e muitos têm dedicado parte de suas vidas para estudá-lo, e também para refutá-lo.¹ Este artigo não se centra no entendimento de Frege, mas usa os recursos que ele nos deu para fazer distinções ontológicas e semânticas entre as entidades às quais referem as expressões que contêm nominalizações de evento e de resultado (objeto que resulta do evento). Isto implica usar o arsenal fregeano, mais especificamente as noções² de *sentido*, *referência*, *conceito*, *função* e *argumento* que são especialmente úteis no que diz respeito ao entendimento do relacionamento entre a linguagem e o mundo e, neste caso particular, das nominalizações de evento e resultado (do evento) e seus referentes.

As noções antes nomeadas só admitem elucidação e são de difícil entendimento.³ Contudo, e isso tem que ser aclarado, não julgaremos as complexidades, nem faremos uma valoração das noções que Frege desenvolve, nem como positivas nem como negativas. Ele é utilizado em nossa análise porque sua proposta pode nos ajudar a compreender melhor as diferenças entre as nominalizações de evento e de resultado (do evento). Isso é devido, por um lado, a sua

¹Cf. Chateaubriand (2001: capítulos 1 e 2). Para um estudo detalhado da teoria da linguagem em Frege pode-se consultar, Dummett (1981). Para uma discussão clássica a respeito da distinção entre sentido e referência, pode-se consultar, Russell (1905).

²Utilizamos o termo *noção* para que ele não seja confundido com o termo fregeano *conceito*, ainda que, com o termo *noção*, designemos o que costuma ser chamado de *conceito*.

³Contudo, Frege as fez mais claras. A noção de *conceito* é fundamental em dois ensaios que são trabalhados nesse artigo, “Function and concept” (Frege, 1891) e “On Concept and Object” (Frege, 1892a). Neles, Frege desenvolve e explicita essa noção. Nesses trabalhos é possível encontrar uma definição de *conceito* de acordo com o gênero (função), a diferença específica (função que tem sempre como valor um valor de verdade), e que dá conta de seu caráter predicativo.

semântica bidimensional que tem em conta a diferença entre sentido e referência e, por outro, as noções que Frege utiliza que permitem avançarmos na distinção entre essas nominalizações, assim como no reconhecimento de que tanto os eventos como os objetos resultantes desses eventos são objetos (no sentido fregeano) no mundo, como mostraremos.

Este trabalho tem a seguinte organização: em primeiro lugar, introduziremos as diferenças sintáticas e linguísticas entre as nominalizações de evento e resultado (do evento); em segundo lugar, tentaremos mostrar que é possível trabalhar com o problema das nominalizações de evento e resultado (do evento) desde uma perspectiva fregeana e mostraremos quais são os problemas ou as objeções que podem se nos apresentar ao tentar elucidar o comportamento dessas nominalizações; em terceiro lugar, tentaremos mostrar que é possível, a partir das noções de função, argumento e conceito chegar a distintas conclusões sobre o comportamento semântico das nominalizações de evento e resultado (do evento); e em quarto e último lugar, tentaremos vincular o comportamento semântico com o estatuto ontológico dos entes aos que referem essas nominalizações.

1 Breve análise linguística das nominalizações

As nominalizações de evento e de resultado (do evento) com as quais trabalhamos neste artigo pertencem ao que foi chamado tradicionalmente *nomes deverbais* (de verbos), isto é, que foram formados a partir de verbos (por exemplo, *ampliação* deriva de *ampliar*, *construção* deriva de *construir*). Esses nomes têm sido amplamente estudados pelos linguistas, desde o âmbito da morfologia léxica⁴, mas também têm sido estudados pelas propriedades sintáticas particulares que eles apresentam.⁵ Essas nominalizações têm a peculiaridade de que expressam valores que são associados aos verbos, *isto é*, as nominalizações de evento expressam um evento e as de resultado, o resultado desse evento. Esses valores podem se encontrar em estruturas oracionais como é possível observar na construção *Os pedreiros ampliam a obra* na qual estamos diante do processo; enquanto que numa oração como *Os pedreiros ampliaram a obra*, é possível observar o término, a finalização do processo, seu resultado. Esse comportamento é próprio de verbos de *realização* que permitem expressar, no predicado, eventos delimitados⁶ e que contêm no seu significado tanto o processo como o estado ou objeto que resulta desse processo. Embora os dois tipos de nominalizações tenham sido estudadas, as de resultado têm sido deixadas de lado na análise linguística. Isto é devido ao fato de que, como elas têm um comportamento sintático semelhante ao dos nomes que não se formam a partir de verbos, muitos linguistas consideraram que elas deveriam ter estruturas semelhantes a estes últimos e não aos seus pares eventivos.⁷

Nesta seção tentaremos fazer uma delimitação sintática clara entre os dois tipos de nominalizações e as expressões⁸ que elas integram, para que os dados analisados a seguir, a partir de Frege, sejam claros. É importante estabelecer que a distinção feita entre essas duas nominalizações tem sido feita desde sempre, pois elas têm comportamentos diferentes, mas apresentam a mesma estrutura morfológica. Isto pode gerar ambiguidade linguística que pode ser evitada tendo em conta fatores linguísticos que explicaremos na continuação.

⁴Almela Pérez (1999); Lacuesta y Bustos Gisbert (1999); Varela (1990); entre outros.

⁵Grimshaw (1990); Picallo (1999); Resnik (2010); entre outros.

⁶Cf. De Miguel (1999: 3019).

⁷A maioria da bibliografia citada neste capítulo será hispânica, porque nossa pesquisa foi feita para o espanhol. Nesse artigo, para esclarecer, usaremos só nominalizações do português e nos centraremos só naquelas questões que ajudem na diferenciação entre as nominalizações, para que seja clara a proposta que fazemos a partir do Frege. Porém, deve ser aclarado que este tipo de nominalizações existem em línguas tão diversas como o grego, o espanhol, o inglês, o mocoví, só por nomear algumas.

⁸No sentido fregeano.

Semanticamente falando, a distinção é clara: as nominalizações de evento expressam o evento, o processo, e as nominalizações de resultado expressam o resultado desse evento que, no caso dos verbos de realização que nos interessam, tende a concordar com um objeto dado, como, por exemplo, uma tradução, uma construção, uma ampliação. Sintaticamente falando, a distinção também é clara: num caso se combinam com certos predicados, artigos, adjetivos, e no outro caso, com outros. É nessa diferença sintática que vamos nos concentrar. Não vamos discutir a estrutura morfológica das mesmas, isto pode ser visto em Polakof (2013). Nesse artigo queremos apenas esclarecer quais são as distinções para que as propostas que fazemos desde uma perspectiva fregeana não sejam mal interpretadas por questões sintáticas. Embora nas próximas seções nos centraremos nas diferenças sintáticas entre as nominalizações, devemos sempre saber que no primeiro caso estamos analisando aquelas nominalizações que podem integrar expressões que referem a eventos (*a tradução por João da Bíblia está sendo feita*) e que no segundo caso estamos analisando nominalizações que integram expressões que referem ao resultado desses eventos (*a tradução de João da Bíblia está sobre a mesa*).

1.1 As nominalizações de evento

As nominalizações de evento foram caracterizadas há várias décadas, desde antes do trabalho de Chomsky (1970). O trabalho de Grimshaw (1990) sempre é tomado como ponto de partida, desde uma perspectiva gerativa. Nele fica demonstrado que o significado eventivo desse tipo de nominalizações fica evidenciado nas combinações sintáticas nas quais elas podem participar e que elas admitem no inglês. Basear-nos-emos na proposta da Grimshaw (1990), e as de Picallo (1999) e Resnik (2010) para propor as seguintes características das nominalizações de evento:⁹

- (1) As nominalizações de evento
 - (a) nomeiam um processo ou evento e contêm os participantes do evento que são introduzidos pelas preposições *por* (agente) e *de* (paciente): *a tradução por João da Bíblia*
 - (b) podem combinar-se com nomes como *processo*
 - i. *O processo de absolvição demorou pouco tempo*
 - ii. *O processo da tradução da Bíblia por João foi longo*
 - (c) aceitam modificação aspectual (adjetival e não adverbial)
 - i. *A constante designação de problemas pelo professor molesta os alunos*
 - ii. *A destruição total da cidade em dois dias surpreendeu a todos.*
 - (d) só podem estar determinadas por artigos definidos no singular, mas podem não ter determinante
 - i. *A/*uma tradução da Bíblia por João demorou dois anos*¹⁰
 - (e) Aceitam um controlador do evento
 - i. *A tradução da Bíblia para divulgar as ideias católicas foi um êxito*
 - (f) Podem ser o argumento do verbo presenciar
 - i. *Os assistentes presenciaram a construção da ponte pelos pedreiros*

Existem mais provas sintáticas que permitem estabelecer o comportamento das nominalizações de evento, mas como isso é somente uma introdução ao comportamento sintático que elas têm, achamos que é suficiente para poder ver a diferença linguística entre estas nominalizações e ver o significado eventivo que elas possuem. Estudaremos agora as nominalizações de resultado.

⁹Não entraremos nas dificuldades que essas propostas têm, só tomaremos alguns aspectos delas para mostrar claramente seu comportamento sintático. Para uma análise detalhada destas questões e diferenças, ver Polakof (2013).

¹⁰O asterisco (*) marca a agramaticalidade da expressão ou da oração.

1.2 As nominalizações de resultado

Como já mencionamos, estas nominalizações não têm sido muito estudadas na tradição linguística. Somente é nos últimos 20 anos que elas têm tomado alguma importância nas pesquisas linguísticas, sobretudo nas de corte gerativo. Então, faremos o mesmo que fizemos com as nominalizações de evento e as caracterizaremos brevemente segundo seu comportamento sintático-semântico:

(2) As nominalizações de resultado

- α nomeiam o resultado do processo ou o objeto resultado do processo e contêm os participantes do evento que são introduzidos pelas preposições *de* (agente) e *de* (paciente): *a tradução de João da Bíblia*¹¹
- β Não podem combinar-se com nomes como *processo*
 - i. **O processo da tradução está bem escrito*¹²
- χ Não aceitam modificação aspectual
 - i. **A constante tradução está sob a mesa*
- δ Podem estar determinadas por qualquer artigo e qualquer determinante
 - i. *Eles estudaram a/uma/aquela/essa tradução da Bíblia de João*
- ε Não aceitam um controlador do evento
 - i. **As traduções da Bíblia de João para divulgar as ideias católicas foram um êxito*¹³
- φ Não podem ser o argumento do verbo presenciar
 - i. **Os assistentes presenciaram uma tradução*

Estas são as características que permitem-nos fazer uma comparação entre estas nominalizações e as de evento desde uma perspectiva linguística, que será trabalhada desde um análise fregeano.

1.3 Comparações dos comportamentos sintáticos das duas nominalizações

Podemos então ver que as nominalizações de evento e resultado, embora compartilhem os morfemas que as compõem, têm comportamentos bem diferenciados e é com esses comportamentos bem diferenciados que vamos trabalhar. A partir de agora quando falamos dessas nominalizações sempre temos em conta essas diferenças. Trabalharemos com a impossibilidade que as nominalizações de evento possuem de aceitar artigos indefinidos, contra a possibilidade que as de resultado possuem de se combinarem tanto com artigos definidos como com indefinidos. Também usaremos as distintas combinações sintáticas que se podem estabelecer, como mostraremos logo.

2 Sentido e referência das expressões para evento e para resultado do evento

Nesta seção analisamos as expressões determinadas que são, para Frege, as que podem referir a objetos porque são para ele, de fato, nomes próprios. Isso implica que trabalhamos com

¹¹Não confundir “de João” com o possuidor da tradução, pois é ele o agente da ação: foi ele quem traduziu a Bíblia.

¹²Essa oração é agramatical porque só o resultado do processo pode estar bem escrito, portanto não é possível fazer a combinação que se encontra nesse exemplo.

¹³Neste caso é importante ter em conta todo o contexto sintático, porque alguém poderia interpretar algo como *umas Bíblias para divulgar as ideias católicas* como gramatical. Mas nesse caso deveríamos interpretar uma elisão de uma subordinada do tipo *umas Bíblias (que foram feitas) para divulgar as ideias católicas* e essa não é a interpretação que procuramos.

as expressões com significado de evento e expressões com significado de resultado e não com as nominalizações (palavras) isoladas porque precisamos de construções que possam funcionar como nomes próprios e, também, como veremos, como funções. Então, vamos trabalhar com expressões como *a tradução da Bíblia por João* e *a tradução da Bíblia de João* que podem referir a um evento e a um objeto-resultado respectivamente.¹⁴

Devemos trabalhar brevemente com as noções de sentido e referência que permitem estabelecer uma semântica de duas dimensões. Mesmo que no desenvolvimento que Frege faz dessas noções é central a noção de igualdade,¹⁵ queremos nos centrar no simples fato de que é possível que dois sentidos diferentes refiram a entidades diferentes sempre e quando não formem parte de uma relação de igualdade. Isto é o que acontece com as nominalizações de evento e resultado que estão no interior de expressões determinadas como as que já mostramos. Embora as expressões sejam muito similares, a preposição *por* que introduz o agente da ação naquela que tem como núcleo a nominalização de evento, diferencia seu sentido do sentido da expressão que contém a de resultado com o agente introduzido pela preposição *de*. Temos, então, duas expressões que se comportam como nomes próprios – de acordo com Frege¹⁶ – que são similares, mas diferentes, e têm, nesse caso, referentes diferentes: num caso é o evento (pode ser *a tradução da Bíblia por João* que está sendo feita por João) e no outro caso é o objeto que resulta do evento (pode ser *a tradução da Bíblia de João* que foi feita por João).

Respeitante a esse tema, alguém poderia se perguntar se é suficiente só com uma diferença na preposição que introduz o agente afirmar que temos sentidos diferentes. Acreditamos que isso é assim, que usarmos a linguagem natural com todas as suas imperfeições e limitações é condição suficiente para que uma única preposição dê lugar a diferentes sentidos e, nesse caso em particular, a diferentes referentes. Se temos em conta outros elementos sintáticos que não sejam as combinações com distintos tipos de artigos, a diferença entre elas fica ainda mais clara. O fato de que elas sejam sujeitos de orações diferentes é uma mostra adicional de que elas devem ter referentes diferentes. Se comparamos *a tradução por Pedro da Bíblia está sendo feita* com *a tradução de Pedro da Bíblia está sob a mesa*, é muito simples ver que, tendo em conta tudo o que analisamos, no primeiro caso estamos fazendo referência ao evento e no segundo ao objeto-resultado.

Devemos, uma vez feitas as diferenças, aclarar o que é um objeto para Frege e por que podemos estabelecer tão facilmente que tanto os eventos como os objetos-resultados são objetos nessa ontologia. Frege tem uma noção ampla de objeto. Para ele, toda expressão que não tenha um espaço vazio, isto é, toda expressão que esteja saturada está por um objeto.¹⁷ Então, tudo aquilo que possa funcionar como sujeito de uma oração terá um referente que será um objeto. Isto implica que tanto os eventos como os objetos-resultado são objetos, o qual é uma simplificação para o problema sobre a existência de eventos no mundo. Numa análise fregeana, não existiria nenhum problema em estabelecer que os eventos são objetos e que os objetos que resultam desses eventos também o são. Por essa razão, ela é particularmente atrativa para o tipo de perspectiva que tentamos defender e mostra que é possível utilizar a semântica de Frege para trabalhar com as expressões que contêm as nominalizações de evento e resultado.

¹⁴Não trabalharemos com a nominalização *tradução* que não tem a possibilidade de referir, além de que ela pode ser considerada um termo geral, pois ela não está determinada, e não é relevante nesta análise.

¹⁵Na introdução de “On sense and reference” (Frege, 1892b), é claramente estabelecido que a noção de igualdade é de importância inegável para conseguir entender a relevância que tem a possibilidade de usar distintos sentidos para um mesmo referente, mas não é isso o que analisaremos nesse artigo.

¹⁶Frege (1892b).

¹⁷Ver Frege (1891: 32)

Um leitor ávido poderia se perguntar qual é o problema nas expressões que contêm as nominalizações, se elas têm sentidos diferentes, referências diferentes e estão por objetos diferentes. Essa pergunta, que nos fizemos ao descobrir o anteriormente analisado, apresenta-nos um problema que tentaremos resolver tendo em conta as noções de função, conceito e argumento. Argumentaremos que a semântica/analítica fregeana pode ser usada para explicar a diferença existente entre o comportamento semântico das expressões que contêm nominalizações de evento e de resultado e que, considerar as noções antes mencionadas de função, conceito e argumento, permite-nos ir além do que seria possível se só trabalhássemos com as noções de sentido e referencia.

3 Função, conceito, argumento nas expressões para evento e resultado do evento

As noções de *função*, *argumento* e *conceito* são essenciais para poder diferenciar entre as expressões que contêm as nominalizações de evento e resultado. Nesta seção desenvolveremos essas noções e mostraremos qual é a importância que elas têm para poder cumprir o nosso objetivo. Em primeiro lugar, tentaremos dar uma solução a partir das noções de *função* e *argumento* que, em conjunção, são uma unidade completa, e em segundo lugar, trabalharemos com as noções de *conceito* e *palavra-conceito* a partir das quais consideramos que será possível chegar a uma resposta diferente às anteriormente dadas.

3.1 Função e argumento nas expressões para evento e resultado do evento

As noções de função e argumento que Frege propõe em “Function and Concept” têm mostrado ser um caminho possível para o entendimento das expressões que contêm nominalizações. Para entender como isso é possível, é necessário destacar que, mesmo que o desenvolvimento fundamental dessas noções seja feito por Frege para as matemáticas, ele mesmo afirma que essas noções podem se estender até a linguagem e é nessa extensão que basear-nos-emos.¹⁸

Com respeito à função, é necessário defini-la, relacionada à linguagem, como uma expressão que está insaturada e deve ser completada pelo argumento que tem autonomia própria. Frege se centra nas orações, mas ele mostra que é possível que uma expressão determinada seja tomada como uma função com o seu argumento (como em, por exemplo, *A capital da Inglaterra*, onde *Inglaterra* é o argumento e *A capital de X* a função). Esta noção permite-nos associar as expressões definidas que contêm as nominalizações de evento e resultado com a função e o argumento, pois, como temos visto, elas estão providas de participantes que podem ser, em termos fregeanos, argumentos de uma função.

As nominalizações poderiam ser pensadas, devido a sua formação a partir de verbos, como funções que têm dois lugares insaturados para argumentos, ou como funções que contêm o paciente da ação e devem ser completadas por um argumento que será o agente da ação –como no caso das orações, nas que Frege toma como função todo o predicado e como lugar para o argumento a posição do sujeito. Este agente se corresponderia, se transformássemos a nominalização determinada numa oração, com o sujeito da oração. Isto é, em vez de propor uma função com dois argumentos insaturados, propomos uma função com um argumento insaturado da mesma maneira que Frege propôs para a oração. Ou seja, não vamos propor uma função do tipo *X traduz Y*, com dois argumentos, mas vamos propor uma função do tipo *X traduz a Bíblia* que transportaremos para a análise das nominalizações.

Como mencionamos na seção anterior, as expressões determinadas nas quais as nominalizações de evento e resultado aparecem, mesmo se são similares, têm sentidos diferentes e referentes

¹⁸“We shall not stop at equations and inequalities. The linguistic form of equations is a statement” (Frege, 1891: 31).

diferentes. Isto deve evidenciar-se na função porque, se tivéssemos funções iguais, ao somarmos o argumento teríamos valores iguais e, como já mostramos, isto não é assim. Portanto, teremos funções diferentes se a soma entre estas e o argumento tiver como resultado referentes diferentes. Podemos, então, argumentar que teremos duas funções diferentes quando modificamos a preposição, o que implica que, quando um argumento que tem igual referência se soma a essa função, a soma entre a função e o argumento terá como resultado um referente diferente, como pode-se observar em:

- a) *A tradução da Bíblia por X*
- b) *A tradução da Bíblia de X*

Se *X* é *João*, no primeiro caso teremos uma função que ao somarmos ao valor do argumento *X João* terá como resultado um referente eventivo: o evento de traduzir João a Bíblia; no segundo caso o valor que a função toma terá um referente de objeto-resultado: o objeto que resulta da tradução que o João fez da Bíblia. Nesse sentido, não haveria nenhuma contradição com o que foi dito sobre o sentido e a referência na seção anterior. Contudo, ao separar as expressões em função e argumento, obtivemos um melhor entendimento do seu funcionamento e uma fundamentação mais profunda de por que num caso há referência a um evento e no outro caso a um objeto-resultado: porque no primeiro caso temos uma função que uma vez saturada por um argumento referirá a um evento, enquanto no segundo caso temos uma função que uma vez saturada pelo argumento referirá a um objeto-resultado.

Isto mostra, novamente, que estamos frente a objetos, pois se transformam em expressões saturadas uma vez que a função toma como argumento *João*. Por essa razão, eles podem funcionar como sujeito e ter como referente algum tipo de objeto. Mostramos que, a partir da análise em função e argumento, é possível avançar a um melhor entendimento de por que as expressões que contêm as nominalizações têm distintos comportamentos semânticos e distintos referentes; mas ainda não logramos explicar por que eles são diferentes. É necessário, então, usar outras noções que permitam-nos aproximar a essa diferença. Na próxima seção mostraremos que se temos em conta a noção de *conceito* e a de *palavra-conceito* será possível mostrar essas diferenças.

3.2 O conceito e as expressões para evento e resultado do evento

O conceito, que pode ser entendido como um tipo especial de função que tem sempre como valor resultante um valor de verdade,¹⁹ permite-nos acercar a uma diferença no comportamento das expressões que contêm as nominalizações de evento e resultado. Esse conceito que, numa oração, será o referente do predicado deverá diferenciar-se do objeto que nunca será o referente do predicado, pois, como vimos, é o referente do sujeito. É possível avançar, a partir da diferença entre objeto e conceito, à uma solução que nos ajude a entender que, de uma maneira ou outra, os eventos e os objetos-resultado têm comportamentos diferentes.

Mostramos que nas expressões que contêm as nominalizações de evento e as que contêm as de resultado estamos frente a distintas funções que uma vez saturadas com o mesmo argumento (refere ao mesmo) têm como resultado um valor diferente. Isto pode ser previsto desde uma proposta fregeana sobre funções e argumentos. Por sua vez, estabelecemos que mesmo se isso nos permite afirmar que tanto eventos como objetos-resultado são objetos no sentido amplo usado por Frege, não podemos estabelecer nenhum tipo de diferença no funcionamento que eles têm.

¹⁹Cf. Frege (1891).

Temos deixado claro, como Frege também o fez,²⁰ que o conceito e o objeto são referentes diferentes: estão no mundo, mas não tem o mesmo comportamento. O primeiro é o referente do predicado²¹, o segundo o do sujeito. É, também, importante ter em conta que Frege faz uma clara distinção entre o que expressa uma igualdade e o que expressa uma afirmação. No primeiro caso, estamos frente a uma oração que mediante um verbo copulativo como *ser* expressa uma relação de igualdade (por exemplo, *O gato que come lasanha é Garfield*). Isto é, estabelece que a parte na esquerda da oração é igual à parte na direita do verbo. Nesse sentido, estamos frente a dois sentidos diferentes que têm o mesmo referente que nos permitem chegar a um conhecimento real do mundo (segundo Frege). No segundo caso, estamos frente a uma oração que nos permite construir uma afirmação (*O gato que come lasanha é laranja e preto*). Neste caso, se estabelece uma oração com sujeito e predicado na qual o verbo copulativo é –segundo Frege–²² um “mere verbal sign of predication”. Aqui, é possível afirmar que o objeto referido por *O gato que come lasanha* cai sob o conceito referido por *laranja e preto*. Enquanto no primeiro caso estamos frente a uma relação reversível (não importa qual dos nomes próprios esteja em primeiro ou em segundo lugar), no segundo caso estamos frente a uma relação irreversível (o intercâmbio de posições dos integrantes da oração faria que as pessoas construíssem uma oração agramatical, como em **laranja e preto é o gato que come lasanha*).²³ É possível estabelecer, então, que só no segundo caso estamos frente a uma construção que está constituída por um sujeito e um predicado no sentido fregeano.

Continuaremos aprofundando estas diferenças que nos permitirão estabelecer o fato de que as nominalizações de evento (ou, melhor, as expressões que as contêm) comportam-se semanticamente diferente às de resultado. O reconhecimento dessa diferença semântica permitirá nos aproximar a uma diferença ontológica entre os objetos que são referidos por essas expressões, algo que o mesmo Frege (1892a) faz quando ele distingue entre conceito e objeto como sendo os referentes do sujeito, por um lado, e do predicado, do outro.

Frege faz uma distinção entre *nomes próprios* e *palavras-conceito*. Os primeiros podem ser os chamados nomes próprios (como *João*), mas também expressões determinadas por um artigo definido (como *a tradução por João da Bíblia*), pois, de igual maneira como o fazem os nomes próprios, elas referem a objetos. As segundas, que são introduzidas em “On Concept and Object” (Frege, 1892a), são substantivos que estão determinados por um artigo indefinido (como pode ser *um gato que come lasanha*). Por essa mesma razão, não podem referir a objetos, mas podem fazer parte de um predicado e referir, no conjunto do predicado, a um conceito. Essa distinção permitirá nos fazer uso da demarcação proposta por Frege entre o que só pode ser objeto e todo o restante.²⁴

É possível, depois de ter estabelecido as diferentes possibilidades de leitura de uma oração que tem um verbo copulativo como *ser* e a diferença entre os nomes próprios e as palavras-conceito, fazer a análise das estruturas que nos interessam seguindo um esquema fregeano que tentaremos estabelecer na continuação. Com respeito à relação de igualdade, como já mencionada, encontramos que tanto as expressões que incluem as nominalizações de evento como as que incluem as nominalizações de resultado podem funcionar como nomes próprios, o que reafirma o que temos visto até o momento, como se pode observar em:

²⁰Cf. Frege (1892a).

²¹Sobre os problemas para caracterizar o *conceito* em Frege pode se ver Sluga (1980).

²²Frege (1892a: 43), ainda que essa ideia possa ser rastreada, ao menos, até o Platão (Ackrill, 1997: 82–83).

²³É necessário excluir qualquer leitura estilística que seja possível fazer a partir desta oração. Desde uma perspectiva fregeana, entre outros, esses dois adjetivos jamais poderiam ser sujeitos de uma oração e esta perspectiva é a única que importa nesse trabalho.

²⁴Frege (1892a: 44).

- c) *O evento é a tradução por João da Bíblia/ A tradução por Pedro da Bíblia é o evento*
 d) *O objeto-resultado é a tradução de João da Bíblia/ A tradução de João da Bíblia é o objeto-resultado.*

Esses exemplos indicam que, mesmo se é possível alterar a ordem dos integrantes das sentenças c y d pois são relações de igualdade, não é possível alterar os integrantes de c com os integrantes de d pois eles não são iguais. Eles não tem os mesmos referentes e, portanto, intercambiar tais integrantes só teria como resultado uma alteração no valor de verdade das relações e as transformaria em algo falso (é falso, e agramatical, que **O objeto resultado é a tradução por João da Bíblia*). Podemos, então, seguir afirmando que, na noção ampla de objeto que o Frege usa, os dois tipos de entidades são objetos e como tais cada um deles pode ser referido mediante o uso de distintos sentidos que permitem-nos apreender conhecimento real do mundo, como já foi mencionado.

Tudo parece indicar que não há nada de novo a dizer, analisamos o sentido de uma maneira diferente mas obtivemos a mesma análise. Porém, uma vez que consideramos as orações que são afirmações, isto é, que estão constituídas por um sujeito e um predicado, teremos uma análise diferente que começará a ser observado a partir de e e f:

- e) *A tradução por João da Bíblia é um evento*
 f) *A tradução de João da Bíblia é um objeto-resultado*

Em e y f, onde as expressões continuam como sujeito da afirmação, não temos problemas de nenhum tipo. Mas, a análise muda quando estas expressões passam ao lado direito da oração, o tipicamente predicativo, como expressões indefinidas. Em g y h as temos como expressões definida e em i e j como indefinidas:

- g) *O evento é a tradução por João da Bíblia*
 h) *O objeto-resultado é a tradução de João da Bíblia*
 i) **O evento é uma tradução por João da Bíblia*²⁵
 j) *O objeto-resultado é uma tradução de João da Bíblia*

Em g e h, mostramos que, para ter uma análise diferente, não é suficiente mudar o lugar da expressão, pois nesses casos estamos frente a uma relação de igualdade entre dois sentidos que podem referir a um mesmo objeto, como vimos em c e d. Devemos transformar a expressão definida em uma indefinida para que o problema surja, como em i e j. É possível observar que i não é uma oração admissível porque ela é, de fato, agramatical, enquanto j é admissível e gramatical. Estes exemplos mostram que, embora a nominalização de resultado possa integrar tanto um nome próprio, desde a perspectiva fregeana, como uma palavra-conceito; a nominalização de evento só pode integrar um nome próprio e não pode ser transformada em palavra-conceito. Isto indica que, ademais de referir a objetos diferentes, as nominalizações têm comportamentos semânticos diferentes, o que é um resultado interessante. Por um lado, temos uma nominalização que, nas fórmulas estabelecidas por Frege e estendidas neste artigo, só pode funcionar como sujeito. Por outro lado, temos uma nominalização que pode funcionar como sujeito e como palavra-conceito. Desta maneira, ela referirá a um objeto quando integra um nome próprio e poderá referir quando esteja dentro do predicado, com o verbo *ser*, a um conceito. Temos, então, no primeiro caso uma entidade que só pode ser objeto: o evento de realização referido do pela expressão que inclui *tradução* e seus participantes; e no segundo caso temos algo que pode ser introduzido no grupo de “todo o restante” de que Frege fala, pois a nominalização

²⁵Porque, como vimos, as nominalizações de evento não podem estar determinadas por um artigo indefinido.

de resultado com seus participantes, como vimos, pode funcionar tanto como sujeito como parte do predicado. Aprofundamos nessas diferenças, que até agora tem ficado no âmbito de semântica, no próximo capítulo.

4 Diferenças ontológicas entre as expressões que contêm as nominalizações de evento e resultado desde uma perspectiva fregeana

Mostramos que é possível trabalhar com as nominalizações de evento e resultado desde uma perspectiva fregeana e fazer um verdadeiro aporte ao seu entendimento. À princípio, não parecia ser rentável trabalhar com esta aproximação devido ao fato de que não parecia haver nenhum conflito, pois simplesmente nos deixava estabelecer que tanto os eventos como os objetos-resultado nomeados pelas nominalizações eram objetos. Esta aproximação foi útil uma vez que logramos nos introduzir numa semântica na qual o sentido e a referência são essenciais e numa ontologia na qual há, ademais de objetos, funções.

O fato de que as expressões que contêm nominalizações de resultado possam funcionar como palavras-conceito, que possam funcionar como parte de um predicado numa afirmação mostra que elas têm um comportamento semântico diferente que o das expressões que incluem as nominalizações de evento. Elas têm um comportamento similar ao dos nomes comuns, como *planeta*, que também podem se comportar como palavras-conceito; coisa que não acontece com as expressões para eventos. Portanto, é possível observar que, mesmo numa semântica que privilegia o sentido e a referência, é possível reconhecer um funcionamento diferenciado entre os sentidos que temos para referir aos eventos e entre os sentidos que temos para referir aos objetos-resultado.

Estas nominalizações compartilham uma estrutura similar na qual a mudança de uma única preposição nos permite reconhecer não apenas um sentido diferente, mas também uma estruturação diferente.²⁶ São diferentes funções que, ao tomarem o mesmo argumento, têm referentes diferentes. A introdução da noção de conceito, que é puramente predicativa, permite-nos estabelecer que, como as nominalizações de evento não podem estar determinadas por um artigo indefinido, as expressões eventivas não podem formar predicados com o verbo *ser* e, portanto, não referem nunca a conceitos. Isto é, elas não podem ser transformadas em palavras-conceitos, como pode acontecer com um nome próprio como *Viena*.

Para que as diferenças sejam mais evidentes, voltamos à ideia de palavra-conceito junto com a possibilidade de usar as nominalizações de resultado dessa maneira e a impossibilidade de usar as de evento de mesma maneira. Retomemos os exemplos seguintes:

k) *O objeto-resultado é uma tradução de João da Bíblia*

h) **O evento é uma tradução por João da Bíblia*

A palavra-conceito que está determinada pelo artigo indefinido, no exemplo k, está sendo usada de uma maneira que busca especificar as propriedades que tem o sujeito da oração. Isto é, o sujeito tem as características de ser ‘uma tradução de João da Bíblia’ e não, por exemplo, ‘uma mesa’. Desta maneira, seu comportamento é semelhante ao que vimos no exemplo *O gato que come lasanha é laranja e preto*, no qual *ser laranja e preto* pode indicar a(s) ‘propriedade/es do gato que come lasanha’. Algo similar ocorre com *uma tradução de João da Bíblia*: é uma ‘propriedade do objeto-resultado’ que ajuda na caracterização do sujeito da oração e que poderia

²⁶Esta diferença faz-se mais evidente em casos de línguas como o Mocoquí que apresentam estruturas morfológicas diferentes para as nominalizações de evento e de resultado (cf. Carrió 2009), o que evidenciaria mais a diferença entre as funções que deveriam ter as expressões para evento e resultado.

ajudar, também, no reconhecimento do objeto no mundo: não é qualquer objeto-resultado, é aquele que é uma tradução de João da Bíblia.

Isto não acontece no caso de h. Por mais que alguém quisesse afirmar alguma coisa das propriedades do evento, resulta claro –pela agramaticalidade da oração– que não é possível caracterizar semanticamente um evento com outro evento. Isto é, se tivéssemos o desejo de enunciar as propriedades do objeto referido por *o evento*, deveríamos pensar na sua duração ou sua localização, mas não é possível caracterizá-lo com outro evento. Poderíamos formar uma afirmação como *o evento é divertido*, mas não uma como a que está escrita em h. Isto pode ser visto como evidencia de que os eventos devem ser diferentes que os resultados, mesmo se eles podem ser nomeados por nomes com sentidos similares, não só não têm a mesma referência mas eles não têm o mesmo comportamento semântico. O fato de que as expressões eventivas formadas a partir de nominalizações de realização não possam se comportar como palavras-conceito e, portanto, não possam ser usadas para caracterizar outro objeto-evento permite-nos argumentar que esse comportamento semântico é um reflexo do fato de que o evento é único e irrepitível.

Este desenvolvimento nos permite afirmar que os objetos que são referidos pelas expressões que incluem as nominalizações de resultado são semelhantes aos dos nomes comuns. Isto implica que é possível transformar uma expressão como *a tradução de João da Bíblia* numa palavra-conceito como *uma tradução de João da Bíblia* porque, embora o objeto-resultado possa ser diferente de outras traduções, ele tem certas características que são próprias de todas as traduções o que é refletido no seu comportamento semântico. O mesmo ocorre, por exemplo, se tentamos caracterizar *o cão de meu vizinho* como *um cão ruidoso*, pois ele compartilha com o resto dos cães ruidosos a propriedade de ser ruidoso. Contudo, isto não ocorre com os eventos que são nomeados por nominalizações a partir de verbos de realização. Se tomarmos a ideia de Davidson (2001 [1981]) de que os eventos são entidades necessárias para dar conta do mundo, que são irrepitíveis e verdadeiros particulares, poderíamos explicar a impossibilidade de que sejam transformados em palavras-conceito devido a que o evento referido por *a tradução por João da Bíblia* é um evento único e irrepitível –como mencionamos– e, portanto, não é possível usá-lo para caracterizar nenhum outro evento.²⁷ Isto, por sua vez, mostra que a única maneira na qual essa expressão pode ser usada, mediante o verbo copulativo *ser*, na parte direita da oração é quando temos uma relação de igualdade, de semelhança, na qual temos um mesmo referente com sentidos diferentes. Esses nos permitiriam chegar a um conhecimento real como, por exemplo, pode ser reconhecido que *a tradução por João da Bíblia* é o mesmo que *o evento de traduzir João a Bíblia*.

5 Conclusões

Podemos concluir que é possível, desde uma análise fregeana, estabelecer uma diferença no comportamento das expressões que incluem as nominalizações de evento e resultado. Embora a peculiaridade dessa diferença não se estabeleça através do sentido e da referência, pois, como vimos, elas têm sentidos e referentes diferentes, é possível estabelecer que –ademais de referir a entidades diferentes– elas não têm o mesmo comportamento semântico. As nominalizações de resultado a partir de verbos de realização, nas estruturas corretas, poderão referir tanto a

²⁷Tomemos nota de que isto não sucede com o nome *evento*. Este pode ser usado como nome próprio e como palavra-conceito. Isto é devido ao fato de que, diferentemente da tradução que deve ser complementado pelo seu agente e paciente, o nome *evento* não necessita desses complementos, razão pela qual se comporta, desde esta perspectiva, como um nome comum. Nesse sentido e devido à sua generalidade, ele nos permite caracterizar a todos os eventos, porque ele é o termo geral que inclui a todos, além da particularidade e da irrepitibilidade que os respectivos eventos formados a partir de verbos de realização possam ter.

objetos-resultado como a conceitos; enquanto que as de evento só podem referir a eventos e nunca a conceitos.

Essa perspectiva nos permite estabelecer as diferenças antes mencionadas e nos permite reconhecer certas características especiais dos eventos que coincidem com as que são propostas na ontologia de Davidson. Isto é, é possível defender –a partir de uma análise que parte do arsenal fregeano– que os eventos são entidades únicas e irrepetíveis, que são verdadeiros particulares, pois eles não apresentam características que possam ser usadas para caracterizar outros eventos; o que é refletido no fato de que as expressões eventivas não podem ser transformadas em palavras-conceito. Ademais, neste artigo argumentamos que o comportamento das nominalizações de resultado, com respeito ao sentido, à referência e ao conceito, assemelha-se ao resto dos objetos, o que era esperável, pois, ontologicamente falando, são objetos como os demais objetos.

Terminamos este trabalho afirmando que, neste caso em particular, se pensamos nas condições suficientes e necessárias para que estas entidades existam, podemos afirmar que dado que os eventos e os objetos-resultado são referidos por expressões definidas saturadas, ambos cumprem com as condições necessárias e suficientes para serem objetos na análise fregeana. Por fim, podemos concluir que os eventos que são nomeados pelas expressões de evento a partir de verbos de realização e os objetos que resultam desses eventos que são nomeados pelas expressões de resultado são objetos no mundo e que têm estatutos ontológicos diferentes que refletem-se na diferença no comportamento semântico.

Bibliografía

- Ackrill, J. L. (1997), *Essays on Plato and Aristotle*, Oxford University Press, New York.
- Almela Pérez, R. (1999), *Procedimientos de formación de palabras en español*, Ariel, Barcelona.
- Black, M. & Geach, P., eds. (1960), *Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege*, Basil Blackwell, Oxford.
- Bosque, I. & Demonte, V., eds. (1999), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Espasa, Madrid.
- Carrió, C. (2009), *Mirada Generativa a la Lengua Mocoví (Familia Guaycurú)*, Tesis presentada para aspirar al grado de Doctor en Letras, Universidad Nacional de Córdoba.
- Chateaubriand, O. (2001), *Logical forms. Part 1. Truth and description.*, Campinas, Coleção CLE.
- Chomsky, N. (1970), Remarks on nominalizations, in R. Jacobs & P. Rosenbaum, 'Readings in English Transformational Grammar', Ginn and Company, Waltham, MA, pp. 184–221.
- Davidson, D. (2001 [1981]). *Essays on Actions and Events*, Oxford University Press, New York.
- De Miguel, E. (1999), El aspecto léxico, in Bosque & Demonte, eds. (1999), pp. 2977–3060.
- Dummett, M (1981), *Frege: Philosophy of Language*, Harvard University Press, Cambridge, MA.
- Frege, G. (1891), Function and Concept, in Black & Geach (1960), pp. 21–41.
- Frege, G. (1892a), On Concept and Object, in Black & Geach (1960), pp. 42–55.
- Frege, G. (1892b), On Sense and Reference, in Black & Geach (1960), pp. 56–68.
- Grimshaw, J. (1990), *Argument Structure*, MIT Press, Cambridge, MA.
- Lacuesta, R. & Bustos Gisbert, E. (1999), La derivación nominal, in Bosque & Demonte, eds. (1999), pp. 4505–4594.
- Picallo, M. C. (1999), La estructura del sintagma nominal: las nominalizaciones y otros sustantivos con complementos argumentales, in Bosque & Demonte, eds. (1999), pp. 365–393.

- Polakof, A. (2013), 'La estructura funcional de las nominalizaciones deverbales de evento y resultado a partir de verbos de realización', *Anuari de Filologia. Estudis de Lingüística* **3**, 113–144.
- Resnik, G. (2010), *Los nombres eventivos no deverbales en español*, Tesis de doctorado, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona.
- Russell, B. (1905), 'On Denoting', *Mind* **14**, 479–493
- Sluga, H. (1980), *Gottlob Frege*, Routledge and Kegan Paul, London and Henley.